

Terra de Deus e Propriedade Privada

Os cristãos e a propriedade na Igreja Antiga

Martin Dreher

Diante da situação extremamente difícil em que se encontra a questão da terra no Brasil, as palavras do Salmo 24.1 adquirem profunda atualidade. "Ao Senhor pertence a terra e tudo o que nela se contém, o mundo e os que nele habitam". Os mais diferentes setores da nossa sociedade vêm-se confrontados com a questão. O governo Figueiredo criou um "Ministério da Terra", posseiros são mortos, terras indígenas são leiloadas (Waimiri e Atroari), padres e pastores aprisionados por seus posicionamentos. Os posicionamentos das Igrejas cristãs frente à questão têm levado muitos cristãos a perguntar, se o tema "terra" é tema de Igreja. Bíblico o tema é. As denúncias dos profetas e a narrativa em torno da Vinha de Nabote demonstram-no suficientemente. Como tema bíblico a questão "terra" não preocupa o povo cristão apenas nos dias atuais; a preocupação vem de longe, basta que se observe os textos da Igreja Antiga. Também ali os cristãos se preocupavam com a questão da propriedade e buscavam respostas para as questões que os afligiam. O mundo em que viviam era caracterizado por horrendos desníveis sociais e para esse mundo os cristãos ofereciam propostas de transformação. Quais foram elas? Proponho-me a estudar a questão, esperando que ela venha a nos auxiliar. No fundo estou apresentando história da interpretação da Escritura, exemplificada em uma questão bem concreta.

Destaco, inicialmente, como premissa, que o tema da propriedade concentra-se, na Igreja Antiga, especialmente na questão do direito à riqueza: Pode um cristão ter riqueza? Pode um cristão ser rico. A concentração da temática nessas questões vem do fato de que também na sociedade antiga a posição social estava ligada à sua riqueza. Era ela quem determinava sua posição social, legal e política. Esse aspecto já se reflete claramente no Novo Testamento.

1.

No Novo Testamento é conhecido o relato sinótico acerca do homem que se dirigiu a Jesus designando-o de "bom mestre" e

perguntou, que deveria fazer para herdar a vida eterna. Jesus rejeita a designação "bom", pergunta-o pelos mandamentos básicos do Antigo Testamento e recebe a resposta de que estes vem sendo obedecidos desde a juventude. Retrucando, Jesus vai dizer: "Só uma coisa te falta: Vai, vende tudo o que tens, dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu; então vem, e segue-me." (Mc 10.21).

O homem não consegue seguir o conselho de Jesus, "porque era dono de muitas propriedades". (Mc 10.22). No contexto desse relato vamos encontrar nos Evangelhos ainda uma série de sentenças acerca da riqueza como empecilho para entrar no Reino de Deus. O relato encerra com a promessa de grandes recompensas para os discípulos que abandonaram sua propriedade e sua família (1).

Em Mateus 19.16-30 vamos encontrar um relato algo diferente. Mateus não admite que Jesus não possa ser denominado de "bom" e acrescenta a exigência do amor ao próximo aos mandamentos citados por Jesus. O jovem responde que observou tudo isso e Jesus diz a ele: "Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens. . .". Alguns autores julgam que Mateus esteja indicando aqui uma ética diferenciada para dois tipos de cristãos, a grande massa e os perfeitos. Esses autores, no entanto, esquecem que o termo "perfeito" é um conceito usado por Mateus para toda a comunidade (2). Mateus não conhece, pois, dois tipos de cristãos: Nele as palavras de Jesus se dirigem a todos os cristãos indistintamente. Mesmo assim é sintomático que haja autores que pretendem ver na perícopos que nos foi legada por Mateus, palavras de Jesus limitadas a apenas alguns cristãos, ou a apenas um grupo de cristãos, que seriam os "perfeitos". Essas colocações de autores de nossos dias, contudo, não são únicas. Parece que já antes de Mateus se tinha idéias semelhantes e, depois dele também.

Na narrativa de Marcos é narrado que Jesus teria dito: "Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas". (Mc 10.23). Os discípulos estranham as palavras de Jesus e este então generaliza, dizendo: "Quão difícil é – para todo mundo – entrar no reino de Deus". Temos, então, a hipérbole: "É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha, do que entrar um rico no reino de Deus". Aqui a questão é levada a ponta de faca, mas alguns intérpretes posteriores, quando os cristãos procuravam conquistar

(1) Esse o relato de Marcos; o de Lucas é quase que reprodução do de Marcos.

(2) Cf. Mt 5.48 e Gerhard Barth, *Das Gesetzesverständnis des Evangelisten Matthäus*, em: Günther Bornkamm, Gerhard Barth, Heinz Joachim Heid, *Überlieferung und Auslegung im Matthäusevangelium* (WMANT 1) 6ª edição (Neukirchen 1970), pág. 90a.

ricas para a fé cristã, "re-interpretaram" a hipérbole, afirmando que em Jerusalém existia uma "porta do camelo", através da qual um camelo podia passar de joelhos(!) ou ainda querendo ler κάμιλος ao invés de κάμελος, o que daria amarra de navio (3).

O susto dos discípulos ante essas palavras de Jesus, no relato sinótico, evidencia que nenhuma das interpretações acima estava nas cogitações de Jesus. Pois eles perguntam: "Então, quem pode ser salvo?" (Mc 10.26). A resposta de Jesus é que a desistência dos bens será muitas vezes recompensada "já no presente" e "no mundo por vir". As promessas de Jesus evidenciam que o contexto dessa narrativa é a vinda do Reino de Deus. Nem os laços familiares e a propriedade serão eliminados e nada contará, a não ser a ligação de cada um a Jesus no discipulado, ou a negação dele. No texto não encontramos uma doutrina social, com proposta para sua estruturação ou reestruturação, pois a esperança para o Reino é a de que não mais haja estruturas. O que encontramos no texto é a explicativa de ver como aquele que se encontra com Jesus assume as palavras de Jesus. Na História da Igreja, a relação entre o assumir e as palavras de Jesus é que vai determinar o posicionamento e os ensinamentos dos cristãos com respeito à propriedade privada.

2.

Por volta dos anos 130-140 um cristão de Roma, conhecido pelo nome de *Hermas*, teve diversas visões (4). Na terceira dessas visões foi-lhe mostrado quais os cristãos que podem pertencer à Igreja. O que ele viu na visão foi o seguinte: Uma torre é construída sobre as águas com pedras quadradas brancas e reluzentes. Sempre mais pedras vão sendo trazidas, tiradas das profundezas ou da terra firme. As pedras tomadas das profundezas são logo usadas para a construção, pois são pedras trabalhadas e se ajustam às demais pedras. Das pedras trazidas da terra firme, algumas são atiradas fora, outras são usadas na construção, outras ainda são quebradas e atiradas para bem longe da construção. Mais outras pedras ainda acham-se em volta da construção em grande quantidade e não podem ser usadas na construção. Algumas dessas últimas pedras são muito ásperas, outras têm rachaduras, outras defeitos e algumas são brancas e redondas e não servem para a constru-

(3) Cf. o aparato do *Novum Testamentum Graece*, edição 25 de Nestle-Aland na passagem.

(4) Cf. Martin Dibelius, *Der Hirt des Hermas*, em: *Handbuch zum Neuen Testament, Ergänzungsband*, (Tübingen 1923).

ção(5). A visão foi interpretada alegoricamente. Na interpretação, Hermas fica sabendo que a torre que está sendo construída é a igreja(6). As pedras brancas são apóstolos, bispos, mestres, diáconos(7), mártires (8), justos(9) e neófitos(10). São pessoas apropriadas para a construção da igreja. Diferente dessas pedras é um segundo grupo só parcialmente apropriado para a construção da igreja, i. é caso fizer penitência. São eles: os pecadores dispostos a fazer penitência (11), aqueles que não convivem com os santos(12), os não-pacíficos(13), os não totalmente justos(14) e as "pedras brancas, redondas que não se adaptam à construção". Quem são elas? "São os que têm fé, mas também a riqueza desse mundo. Quando surge aflição negam a seu Senhor por causa de sua riqueza e de seus negócios". Ao obter esta interpretação Hermas pergunta: ". . . quando se tornarão apropriados para a construção?" E recebe a resposta: "Quando a riqueza que é sua alegria for cortada deles, aí ele se tornarão apropriados para Deus. Pois assim como a pedra redonda não pode se tornar quadrada caso não for talhada, perdendo um pouco de seu formato, assim também os ricos deste mundo não podem se tornar apropriados para Deus caso a riqueza não for cortada deles. Aprende primeiro em tua própria vida: enquanto eras rico eras imprestável, agora, porém, és prestável e podes promover tua salvação. Tornai-vos prestáveis para Deus"(15). O terceiro grupo de pedras são os excluídos da igreja: os filhos da injustiça(16), os que duvidam(17), os impenitentes(18), os que negaram o batismo(19).

A interpretação para o nosso tema é clara: Ser cristão e ter propriedade são aspectos inconciliáveis. Hermas não é um solitário ao fazer tal afirmação. Já antes dele a carta de Tiago faz colocações semelhantes. Em três oportunidades Tiago se posiciona em favor dos pobres contra os ricos (20) e, além disso, atesta em dois exemplos sua simpatia para com os pobres(21). A animosidade de Tiago contra os ricos vem das péssimas experiências que as comunidades cristãs fizeram com os ricos(22). Em 5.1ss Tiago anuncia, em tom profético, aos ricos o castigo por causa de sua

(5) Vis. III 2.4-9.

(6) Vis. III 3.3.

(7) Vis. III 5.1.

(8) Vis. III 5.2.

(9) Vis. III 5.3.

(10) Vis. III 5.4.

(11) Vis. III 5.5.

(12) Vis. III 6.2.

(13) Vis. III 6.3.

(14) Vis. III 6.4.

(15) Vis. III 6.5-7.

(16) Vis. III 6.1.

(17) Vis. III 7.1.

(18) Vis. III 7.2.

(19) Vis. III 7.3.

(20) 1.9-11; 2.5-12; 5.1-6.

(21) 2.2-4; 2.15,16.

(22) Cf. 2.5ss.

riqueza. Quando se lê essas palavras tem-se a nítida impressão que as palavras de Tiago se dirigem a todos os ricos sem distinção: "Atendei agora, ricos, chorai lamentando, por causa das vossas necessidades que vos sobrevirão". (5.1). E, no início da carta (1.9-11) Tiago fala com a maior naturalidade do fim dos ricos; para ele todos os ricos estão maduros para perecer: "... ele passará como a flor da erva. Porque o soi se levanta com seu ardente calor, e a erva seca, e a sua flor cai, e desaparece a formosura do seu aspecto; assim também se murchará o rico em seus caminhos". Tiago não tirou essas afirmações do ar. Ele se encontra dentro de uma tradição que vem desde os tempos do declínio da hegemonia territorial de Israel, passa pelos profetas (Is 41.17; 49.13), pelos Salmos (Sl 109.31), pela literatura sapiencial (Pv 23.4s; Siraque 11.18s; Eclesiastes 5.12ss), pelo período entre os Testamentos (Enoque 94ss; Salmos de Salomão 1.4ss), e se encontra novamente na comunidade de Jesus, onde se ouvem palavras como as de Lc 6.20-26: "Bem-aventurados vós os pobres... mas ai de vós, os ricos!" Aí o rico é o homem que vive sem Deus (Lc 12.16ss), aí se encontram palavras como as acima referidas de Mc 10. Aqui se espera por uma mudança das estruturas sociais que não vem da violência do ódio, mas do poder de Deus (Lc 6.27-36). Mesmo assim, nessa tradição ser cristão significa ser pobre. Essa é a convicção de Tiago. No entanto, a ênfase com a qual Tiago se coloca contra os ricos e riquezas, com que expressa sua convicção, está a evidenciar outra questão. Quando Tiago diz: "Não são os ricos que os oprimem, e não são eles que vos arrastam para tribunais? não são eles os que blasfemam o bom nome que sobre vós foi invocado?" (2.6b-7) fica evidente que para pelo menos parte de sua comunidade não existem mais problemas quanto ao ingresso de ricos na Igreja. A mesma situação, aliás, pode ser dita quanto à comunidade de Hermas. Contra a tendência que se manifesta em sua comunidade é que Tiago se volta (22a). O desenvolvimento posterior evidencia que a história correu de maneira diferente. Hermas já coloca os ricos no segundo grupo de cristãos, os que ainda podem ser salvos, com a condição de que deixem sua riqueza totalmente de lado.

Na tradição descrita ainda vamos encontrar Tertuliano. Esse cristão do Norte da África (23), nascido por volta de 160 e falecido

(22a) Cf. Martin Dibelius, *Der Brief des Jakobus*, em: *Kritisch-Exegetischer Kommentar über das Neue Testament XV*, 11ª edição, (Göttingen 1964), pág. 58-66.

(23) Quanto a Tertuliano cf. Hans Freiherr von Campenhausen, *Lateinische Kirchenväter*, 2ª edição (Stuttgart 1965), pág. 12-36; A. Hamman, *Os Padres da Igreja*, (São Paulo 1980), pág. 53-63.

após 260, vai afirmar que Deus "sempre justifica os pobres e condena antecipadamente os ricos" (*semper pauperes ustificat, divites praedamnat*)(24) e que "difícil é para uma mulher rica a permanência na casa de Deus"(25).

Do texto de Marcos 10 até Tertuliano essa uma tônica é clara e evidente: a propriedade, a riqueza prendem e como essas coisas são um impecilho para o Reino de Deus o cristão deve desistir delas. Poderíamos dizer que a escatologia determina o posicionamento cristão.

Existe, no entanto, uma outra perspectiva que não deveríamos perder de vista. Trata-se da estrutura social das próprias comunidades. Já apontamos para isso quando nos referimos a Tiago e a Hermas. Enquanto as comunidades eram formadas por pessoas das camadas inferiores da sociedade, a afirmação de que ser cristão e ter propriedade são situações excludentes era válida, sem ser contestada. O problema surgiu quando pessoas de posse começaram a ingressar na comunidade. Aí teoria e práxis tiveram que entrar em conflito.

3.

Foi nessa situação que em Alexandria, na época a segunda maior cidade do Império Romano, surgiu por volta do ano 200 o escrito de Clemente: "Qual é o rico que pode ser salvo?" O escrito tem importância singular quando se observa a questão de riqueza e propriedade na Igreja antiga, pois é o primeiro escrito a se ocupar exclusivamente com a questão (26). Toda a obra gira em torno da pergunta: Como se pode ser rico e mesmo assim cristão? Ou: Quando o rico se torna cristão tem que dar seus bens aos pobres? ou deles desfazer-se?

Clemente parte de um pressuposto: os ensinamentos éticos cristãos não podem ser vistos como lei, não podem ser vistos como

(24) Über die Geduld, cap. 7, em: *Bibliothek der Kirchenväter*, Vol. 7 (Kempten e München 1912), pág. 45.

(25) Die zwei Bücher an seine Frau II, 8, em: *Bibliothek der Kirchenväter*, Vol. 7 (Kempten e München 1912), pág. 83.

(26) Quanto a Clemente cf. Hans Freiherr von Campenhausen, *Griechische Kirchenväter*, 3ª edição (Stuttgart 1961), pág. 32-42; A. Hamman, op. cit., pág. 77-87. O texto do escrito de Clemente, usado para o presente estudo, é a versão de A. Cleveland Coxe, em: *The Ante-Nicene Fathers. Translations of the writings of the fathers down to A.D. 325. Volume II. Fathers of the second century: Hermas, Tatian, Athenagoras, Theophilus and Clement of Alexandria*, (New York 1926), pág. 591-604.

uma soma de exigências. O que é exigido dos cristãos tem que ser evidentes, caso contrário os cristãos serão pessoas movidas pelo temor, que agem sem saber o motivo, a causa e a finalidade do que fazem. Esse pressuposto está presente em toda a obra "Qual é o rico que se salva?", da qual não sabemos mais se foi originalmente pregação, estudo bíblico ou tratado. Em todos os casos sua exposição é feita com grande simplicidade e quer ser auxílio para aqueles que a lerem (27). Formalmente Clemente nos oferece uma exegese da perícopé do jovem rico (Mc 10.17ss) em forma de homilia. Para Clemente esse texto do Evangelho não tem um sentido literal, "carnal", mas deve ser compreendido em seu significado mais profundo, o "espiritual". Isso se evidencia no fato de que o próprio Jesus, no texto, apresenta seu ensinamento a partir da interpelação do jovem, "bom mestre", "ao dirigir (a atenção d) o discípulo a Deus, o bom e primeiro e único dispensador de vida eterna, que o Filho dele recebeu e nos dá".(28). Disso Clemente deduz que "o ponto maior e mais importante dos ensinamentos que levam à vida" é "conhecer o eterno Deus, o doador do que é eterno. . . e que é o primeiro e mais alto, o único e bom Deus", do qual tudo o mais deve obter vida (29). De sua bondade também nos vem os bens terrenos(30), que em si não são nem bons nem maus(31). Tudo depende do uso que deles fazemos. Por isso, não são as riquezas que devem ser abandonadas, mas as más inclinações do coração(32). O rico é uma pessoa à qual foram confiados bens, não por sua causa, mas por causa do próximo necessitado(33). A riqueza é um bem para ele, pois lhe dá a oportunidade de auxiliar o necessitado e de assim libertar-se dos grilhões da cobiça(34). O que leva Clemente a fazer essas colocações? Clemente afirma no texto que estamos estudando que foram questões de ordem poimênica em relação a ricos "que já conheceram o poder do Salvador e da redenção nele manifesta" que o levaram a se pronunciar a respeito da questão. Ele não se preocupa com os ricos "que ignoram a verdade"(35). Clemente, pois, não se preocupa em sua abordagem com questões sócio-econômicas. Sua preocupação é a de aconselhar pessoas em conflito de consciência, ricos que perderam a

(27) Hans Freiherr von Campenhausen, *op. cit.* (nota 26), pág. 40a.

(28) cap. 6.

(29) cap. 7.

(30) cap. 12.

(31) cap. 15.

(32) cap. 15.

(33) cap. 16.

(34) cap. 16ss.

(35) cap. 2.

esperança de salvação, assim como aquele jovem rico, que tendo ouvido a palavra a respeito do camelo e do buraco da agulha e a admoestação a respeito da venda de todos os seus bens, entendeu que sua salvação era impossível. Clemente quer despertar nova esperança no coração dos ricos da comunidade (!) e (!) despertar, com isso, neles o sentimento e a disposição para repartir, de modo que a mão direita não saiba o que a esquerda faz(36). Clemente sabe que não existe um "tarde demais!". Também o arrependimento tardio é válido aos olhos de Deus para a salvação(37). Por isso conclui seu tratado com a narrativa apócrifa de um discípulo de João. Este tendo-se desviado da vida de fé é levado por João à penitência e reconquistado para a Igreja(38). A mesma narrativa é reproduzida por Eusébio na História Eclesiástica(39). Clemente vê no relato um quadro para a salvação daquele que está aparentemente perdido, através da penitência autêntica.

O que Clemente faz em seu estudo é distanciar-se claramente da compreensão literal-legalista do texto de Mc 10.17ss e, além disso, da idéia de que a pobreza já de per si seja uma vantagem no campo religioso. Ao mesmo tempo Clemente se distancia da piedade de pobreza, a piedade ebionita, com a qual nos deparamos na Carta de Tiago, no Pastor de Hermas e em Tertuliano.

Wolf-Dieter Hauschild(40) é de opinião que o que levou Clemente a tomar essa posição seria o projeto de conquistar os intelectuais de Alexandria, pois a concepção ebionita-rigorista a respeito da propriedade, até então vigente, tê-los-ia afastado da fé cristã. "Caso a teologia cristã quisesse penetrar no mundo dos intelectuais... tem que se obter também uma reconciliação entre cristianismo e propriedade", diz Hauschild a respeito de Clemente e acrescenta que aqui ter-se-ia concretizado a "abertura da Igreja pequeno-burguesa-pauperista para os ricos"(41) A leitura atenta do tratado de Clemente, no entanto, leva-nos a questionar a tese de Hauschild.

Segundo Clemente, para se fazer uma avaliação correta do ser humano tanto a riqueza quanto a pobreza são insignificantes(42)

(36) cap. 13.

(37) cap. 39-41.

(38) cap. 42.

(39) História Eclesiástica III. 23, 6-19.

(40) Christentum und Eigentum. Zum Problem eines altkirchlichen "Sozialismus", em: Zeitschrift für Evangelische Ethik 16 (1972), pág. 49.

(41) op. cit. pág. 38.

(42) cap. 12 e 15: "external things".

e eticamente indiferentes(43). No entanto, deve ficar claro que na questão da riqueza está em jogo a salvação do homem, como já o evidencia o título do tratado de Clemente: "Qual é o rico que se salva?". Quando se aborda o tema riqueza está em jogo a comunhão com Deus ou a separação de Deus! Clemente lembra que o perigo da riqueza está em sua força sedutora(44) que quer se apossar do homem, tornando-se seu senhor em lugar de Deus. Para vencer a riqueza e sua força sedutora precisa-se de mais do que boa vontade(45), precisa-se da lembrança do "tesouro prometido no céu"(46) e, principalmente, do mistério do amor proveniente daquele que ante a morte deixou como sua última vontade as palavras "Meu amor vos dou"(47). Mesmo assim, Clemente não vai advogar o ideal da pobreza total que eliminaria o perigo da força sedutora da riqueza. Ele sabe que há necessidade de bens mínimos para a manutenção do indivíduo. Tudo, porém, que passa desse mínimo necessário só pode ser justificado com uma justificativa. Não haveria mais a possibilidade de se demonstrar comunhão quando ninguém mais possuísse alguma coisa(48). Pobreza total e geral não ajuda a ninguém e está "completamente em oposição e conflitua com muitos outros excelentes ensinamentos do Senhor"(49) que nos chamam a auxiliar o próximo concretamente. — Em Clemente o próximo se torna a medida para toda a questão que envolve riqueza e propriedade! E é justamente a partir dessa visão que ele vai considerar a propriedade algo "digno de ser possuído" porque a "propriedade" tem a "propriedade de realizar algo" e "serve e para o serviço do/ao homem foi criada por Deus"(50). Isso é, para Clemente o uso correto da propriedade está determinado pela prática do amor ao próximo. Usando palavras do próprio Clemente; Quem possui sua propriedade "como dádiva de Deus e serve a Deus, que a concedeu, com ela para o bem dos seres humanos e que está consciente de que ele possui tudo isso mais por causa de seus irmãos do que por causa dele mesmo... esse é considerado bem-aventurado pelo Senhor e designado de 'pobre de espírito', digno de ser considerado herdeiro do Reino dos céus..."(51). Aqui

(43) cap. 14.

(44) cap. 17.

(45) "A man by himself working and toiling at freedom from passion achieves nothing." cap. 21.

(46) cap. 31 e 32.

(47) cap. 37.

(48) "For if no one had any thing, what room would be left among men for giving?" cap. 13.

(49) idem.

(50) cap. 14.

(51) cap. 16.

encontramos um aspecto fundamental da ética cristã: a liberdade do cristão é serviço ao próximo; ele só é livre enquanto serve(52). Em um outro de seus escritos Clemente vai afirmar "Deus criou nossa espécie para a comunhão, ao dar-nos por sua vontade participação no que é seu e ao enviar o seu próprio Logos, comum a todos os homens como auxílio, depois de haver criado tudo para todos. Todas as coisas são propriedade comum e os ricos não devem reivindicar mais para si do que os demais... Deus nos deu o direito, eu bem o sei, de usar o que existe, mas apenas até ali onde não for além do necessário; e sua vontade expressa é a de que o uso seja comum a todos. Além disso é irracional quando um único vive em abundância enquanto a maioria passa por necessidade."(53)

Espero que de tudo o que foi dito não se possa tirar a conclusão de que o escrito de Clemente foi "a primeira legitimação teórica para a compatibilidade de ser cristão e riqueza" nem que ele tenha "fornecido aos ricos um alibi teológico para sua riqueza"(54). É bom observarmos que Clemente não julga necessário abandonarmos tudo o que possuímos para sermos cristãos; mas, por outro lado, é também bom vermos sob que "condições" podemos continuar possuindo o que possuímos!

Clemente não trata da questão riqueza e propriedade sob perspectiva econômica. Para ele a questão é um problema ético-religioso. Ele não faz considerações que visem uma mudança das estruturas, muito menos ainda quer apresentar uma nova proposta econômica. O que ele quer é decisão pessoal e a responsabilidade pessoal de cada um dos seus leitores. Falta a Clemente uma política social, suas sugestões não modificam a sociedade(55). Isso é correto! No entanto, o Clemente que faz as propostas não é um Clemente que fala para o mundo, mas para a comunidade. Nele podemos aprender o que é Evangelho. Não uma nova lei, também não uma doutrina de salvação individualista, mas a mensagem da ação de Deus que cria nova realidade. Essa nova realidade não se esgota na admoestação feita aos crentes individualmente de que dêem aos outros mais do que a justiça exige e do que é necessário para a manutenção do "status quo". A ação criadora de Deus visa a comunidade que é a nova criatura, na qual Deus age dando, libertando, alegrando, criando comunhão. Essa é uma perspectiva

(52) Veja Martim Lutero, *Da liberdade cristã*, 3ª edição (São Leopoldo 1979).

(53) *Paed.* II, 120,3,5, em: *Bibliothek der Kirchenväter*, 2. Reihe, Vol. VIII (München 1934), pág. 125a. Cf. também "Qual é o rico que pode ser salvo?" cap. 31.

(54) Hauschild, op. cit. pág. 37.

(55) Aqui concordo com Hauschild, op. cit., pág. 39.

de Evangelho e de comunidade que nós perdemos. Para Clemente riqueza e propriedade são questões eminentemente eclesiológicas, e tão longe nossa eclesiologia não vai mais!(56)

4.

Clemente visava a comunidade com suas considerações. Bem à margem de suas colocações vamos encontrar colocações que vão mais longe. No capítulo 31 de seu escrito Clemente vai dizer, interpretando a palavra de Jesus a respeito da riqueza injusta (Lc 16.9), que "toda riqueza que alguém possui para si como propriedade e não coloca à disposição para o bem-estar geral dos necessitados é injusta por natureza." Riqueza que não está a serviço é injusta! Isso é, bem à margem de seu escrito Clemente nos está mostrando que a distribuição de propriedades de seu tempo é injusta. Com isso, no entanto, não está questionando a posse de propriedade privada.

A legitimidade da propriedade particular vai ser questionada mais tarde nas considerações de alguns pais da Igreja. A situação em que eles vivem é diferente da de Clemente. Na época de Clemente há perseguições: o mais famoso discípulo de Clemente, Orígenes, é vítima dessas perseguições. Os pais da Igreja a que passo a me referir vivem após Constantino. A fé cristã goza das bênçãos do Estado e é frente ao "Estado cristão" que esses pais vão fazer suas colocações. Falarei de Basílio Magno, de Gregório de Nazianzo e de João Crisóstomo e de suas colocações relativas à responsabilidade social da fé cristã. O estudo desses autores é importante para nós que vivemos em um Estado que se diz cristão, assim como era cristão o Estado dos pais que estudaremos.

Na segunda metade do século 4, quando o Império Romano vai de encontro a tempos difíceis, encontramos pronunciamentos desses pais da Igreja a respeito da propriedade privada. Suas palavras não são tanto considerações contra a propriedade privada, mas contra seu acúmulo nas mãos dos ricos. Por trás de suas considerações vamos encontrar motivos da ascese cristã. As idéias ascéticas e monacais haviam sido difundidas no oriente e no ocidente através do escrito de Atanásio, "Vida de Antão"(57). Outro grande difusor do ideal ascético e monacal foi o eremita Basílio que

(56) Para um aprofundamento da questão cf. Reinhart Staats, *Deposita pietatis - Die Alte Kirche und ihr Geld*, em: *Zeitschrift für Theologie und Kirche* 76 (1979), pág. 1-29.

(57) Quanto a Atanásio cf. Hans Freiherr von Campenhausen, op. cit. (nota 26), pág. 72-85). A. Hamman, op. cit., pág. 107-118.

escreveu sua regra entre 358 e 364(58). Tanto ele quanto seu amigo Gregório(59) passaram do monacato à dignidade episcopal. Basílio foi bispo em Cesaréia, na Capadócia, e Gregório primeiro em Naziano e, posteriormente, em Constantinopla. Basílio proferiu uma série de homilias a respeito do tema "propriedade" que foram saudadas com entusiasmo por Ambrósio(60), em Milão; portanto, no ocidente. João Crisóstomo(61) também foi monge, vindo a ser, posteriormente, presbítero em Antioquia e, finalmente, bispo em Constantinopla. Ainda merece ser citado Theodoreto(62) que foi educado em convento, onde se tornou monge, para mais tarde (423) vir a ser bispo na Síria. O caminho seguido por esses homens não pode ter deixado de ter suas influências em seu pensamento. Além disso, tanto Basílio quanto Gregório provinham de ricas famílias da Capadócia. O pai de Ambrósio era prefeito pretoriano em Tréveres. O pai de Crisóstomo era general(63). Somente Agostinho que é dentre os pais da Igreja o que tem mais respeito diante da propriedade privada era filho de "um homem livre pobre"(64). O posicionamento dos pais que agora estudaremos tem, pois, raízes na ascese cristã e no conhecimento que eles próprios têm das classes dominantes de seu tempo.

Basílio, bispo em Cesaréia de 370-397, não é um adversário radical da propriedade privada. Sua argumentação é bastante semelhante a de Clemente. A propriedade é para ele dádiva de Deus(65) e nós só podemos questionar a sua posse pelo rico, quando ele não a usa como Deus o quer, isto é, em favor dos pobres. Uso e abuso ilimitado da propriedade são, pois, questionados por Basílio. Propriedade não partilhada com os pobres é injustiça(66). Assassino é o proprietário que nada dá ao pobre

(58) Quanto a Basílio cf. Hans Freiherr von Campenhausen, op. cit., pág. 86-100. A. Hamman, op. cit., pág. 129-141.

(59) Quanto a Gregório cf. Hans Freiherr von Campenhausen, op. cit., pág. 101-113. A. Hamman, op. cit., pág. 143-156.

(60) Quanto a Ambrósio cf. Hans Freiherr von Campenhausen, *Lateinische Kirchenväter*, pág. 77-106. A. Hamman, op. cit., pág. 201-210.

(61) Quanto a Crisóstomo cf. Hans Freiherr von Campenhausen, *Griechische Kirchenväter*, pág. 137-152. A. Hamman, op. cit., pág. 191-198.

(62) Quanto a Theodoreto cf. R. Hanslik, art.: Theodoret von Kyros, em: *RGG 3 VI*, pág. 749s.

(63) Cf. T. A. Kopecek, *The Social Class of the Cappadocian Fathers*, em: *Church History* (42) 1973, pág. 453-466.

(64) Confissões II.3.

(65) Homilie zu Lukas 12,18, cap. 7, em: *Bibliothek der Kirchenväter*, Vol. 47 (München 1925), pág. 237s.

(66) Über den Neid, cap. 5, em: *Bibliothek der Kirchenväter*, Vol. 47 (München 1925), pág. 296-299.

explorado, deixando-o morrer de fome(67). Em seu sermão a respeito da cobiça, Basílio pergunta se é injusto acumular riqueza e responde com o exemplo de que o rico age como o frequentador de teatro que ocupa todos os lugares no teatro como se fossem seus e impede o acesso dos demais espectadores. Os bens são propriedade comum e é tão somente devido ao fato de os ricos se haverem apoderado deles antes dos outros que se pode explicar suas grandes posses e a desigualdade na distribuição dos bens. Eles transformaram em propriedade privada o que era comum a todos. Isso é roubo, injustiça em relação aos demais seres humanos, e, por isso, os ricos não têm o direito de dizer que receberam seus bens de Deus. Ele lhes deu os bens; no entanto, apenas para que pudessem ter o necessário para a vida e suprir os pobres com tudo o mais. Os bens lhe foram confiados para fins de administração e se não derem participação aos outros, sua propriedade é roubo, pois pertence a Deus e, com isso, aos pobres!(68)

Vemos que Basílio não faz mais considerações poimênicas como Clemente. Suas palavras dirigem-se à sociedade de seu tempo, à maneira como está estruturada a propriedade. A estrutura atual é perversão da criação(69). Basílio critica os ricos, afirmando que foi de maneira injusta que vieram a ter o que possuem, mas não vai ao ponto de negar qualquer propriedade. O que ele faz é atacar a riqueza de determinadas pessoas. Para ele a propriedade particular do rico é teoricamente insustentável! Por isso a Igreja pode exigir(!) de seus membros financeiramente bem situados a aplicação de seus bens para fins sociais e não ficar somente pedindo por esmolas. Basílio não deixou de pedir esmolas, mas foi um passo adiante ao não ficar apenas nas esmolas.

A partir daí Basílio procurou dar um passo adiante na solução dos problemas sociais de seu tempo(70). Caso cada indivíduo possuir apenas o que necessita para a vida, então todos os ricos têm que distribuir seus bens. Assim os desníveis sociais são nivelados. Essa prática foi adotada pelo próprio Basílio que distribuiu todos os seus bens para fins sociais(71). Por outro lado suas exigências ficaram sendo utopia.

(67) Predigt, gehalten zur Zeit einer Hungersnot und Dürre, cap. 7, em: *Bibliothek der Kirchenväter*, Vol. 47 (München 1925), pág. 271.

(68) Homilie zu Lukas 12,18, cap. 7, em: *Bibliothek der Kirchenväter*, Vol. 47 (München 1925), pág. 237a.

(69) Predigt, gehalten zur Zeit einer Hungersnot und Dürre, cap. 8, em: *Bibliothek der Kirchenväter*, Vol. 47 (München 1925), pág. 272-274.

(70) Homilie zu Lukas 12,18, cap. 7, em: *Bibliothek der Kirchenväter*, Vol. 47 (München 1925), pág. 237a.

(71) Cf. Hans Freiherr von Campenhausen, *Griechische Kirchenväter*, pág. 52.

Quem faz as exigências acima descritas é o asceta. Entre os ascetas é que vamos encontrar a exigência da distribuição dos bens entre os pobres. Aqui continua a tradição ebionita da cristandade primitiva. A partir dessa sua tradição Basílio desenvolveu a teoria de que quando da morte de um rico, para o bem da salvação de sua alma, a metade dos seus bens deveria ser dada aos pobres e somente o restante poderia ser distribuído entre os herdeiros(72). Nessa sua teoria Basílio parte da concepção de que a propriedade pertence a Deus e que, por isso, porque Deus é o dono, é inadmissível que tudo seja legado aos herdeiros. Propriedade herdada é pior do que a conseguida por esforços próprios. Na prática Basílio está introduzindo uma espécie de imposto social que vai ser usado na erradicação da miséria. A Igreja de seu tempo e o Estado de seu tempo não acompanharam suas idéias.

Gregório de Nazianzo, mesmo sendo fundamentalmente diferente de Basílio(73), concorda com ele na crítica à situação vigente: pobreza e riqueza são doenças, divergências da situação original. A terra, as fontes, os rios, as florestas, o ar e a água são bem comum desde a criação. Inveja e discórdia é que, posteriormente, destruíram essa situação(74). Por isso é que ele se dirige aos ricos, dizendo: "Esforça-te para que a ordem antiga volte a vigorar." Gregório espera que o estágio original volte, caso o rico der esmolas aos pobres e doentes. Ele nada diz que o rico deva investir toda a sua propriedade. — Gregório pode ainda dizer que os pobres são os irmãos dos ricos, criados com a mesma natureza, igualmente imagem de Deus, revestidos de Cristo tanto um como o outro, tendo ambos recebido o Espírito(75). Essa colocação, no entanto, fica sem consequência porque Gregório não chega a afirmar que o rico tenha a obrigação de repartir o que tem, ficando apenas no apelo à esmola. Isso confere com sua personalidade: mesmo monge, Gregório em vida não repartiu as suas muitas posses. Aqui se vê que não adianta a gente afirmar que a propriedade privada é injusta e continuar possuindo-a. Pelo menos nisso Basílio foi coerente.

João Crisóstomo é de longe o mais famoso "economista" entre os pais da Igreja. Pregador famoso em Antioquia entre os anos de 386 e 398 veio a se tornar arcebispo de Constantinopla de 398 a 403. Notem: um episcopado de cinco anos! Crisóstomo não conseguiu permanecer mais do que cinco anos como bispo. Era honesto,

(72) Wolf-Dieter Hauschild, op. cit., pág. 46.

(73) Hans Freiherr von Campenhausen, op. cit., pág. 101s.

(74) Discurso 14,26, em: *Bibliothek der Kirchenväter*, Vol. 59 (München 1928), pág. 294a.

(75) Discurso 14,18, em: *Bibliothek der Kirchenväter*, Vol. 59 (München 1928), pág. 286a.

asceta e possuidor do dom da falta de tato! Tudo isso, aliado à inimizade da imperatriz Eudóxia que via em todas as críticas de Crisóstomo à moral reinante na capital do Império, críticas a sua própria pessoa – o sapato sempre serve para o que o quer calçar – e, ao ódio que por ele nutria Teófilo, patriarca de Alexandria, tudo isso, repito, levou à destituição e desterro do arcebispo(76). Quando estudamos alguns dos pronunciamentos de João Crisóstomo compreendemos porque o exílio após 5 anos.

Crisóstomo procura melhorar as condições miseráveis em que vivem as massas e analisa a situação em que se encontram. É impressionante a capacidade que tem esse homem quando se trata de analisar a sociedade "capitalista" em que vive. Na homilia 61, relativa ao Evangelho de Mateus, podemos ler as seguintes palavras: "... passemos a outros que são, ao que parece, mais justos. Quem são, pois, esses? Os que possuem os campos e tiram da terra sua riqueza? Mas, pode haver coisa mais iníqua que esses homens? Quando se examina como tratam os pobres e míseros lavradores, ver-se-á que são mais cruéis do que os bárbaros. Aos que são consumidos pela fome e passam a vida trabalhando impõem exações contínuas e insuportáveis e obrigam-nos aos mais penosos trabalhos. Seus corpos são como de asnos ou de mulas, ou para dizê-lo melhor, como de pedra, sem conceder-lhes um momento para respirar. Produza ou não produza a terra, oprimem-nos da mesma maneira, sem perdoar-lhes nada. Miserável espetáculo! Depois de trabalhar todo o inverno, depois de consumir-se no frio e na chuva em vigílias têm que retirar-se com as mãos vazias e ainda por cima carregados de dívidas. E, mais do que essa fome, mais do que esse naufrágio temem e tremem os infelizes ante as torturas dos administradores, os comparecimentos ante os tribunais, as prestações de contas, os suplícios a que são conduzidos, as cargas inexoráveis que lhes são impostas. Quem está em condições de contar todas as coisas que com eles se faz, os vis tráficos a que são submetidos? As custas do trabalho e do suor daqueles infelizes se enchem os lagares e graneleiros de seus amos, enquanto que a eles não se permite levar para a sua casa nem uma mínima parte. Todo o fruto tem que ir encher seus tonéis de iniquidade e só umas míseras moedas são atiradas ao trabalhador. Inventam inclusive novos tipos de usura, não permitidos nem pelas leis dos gentios e compõem cartas de dívida que são pura maldição. Pois já não se contentam com o centésimo, mas exigem a metade. E isso quando o infeliz de quem o exigem tem mulher e tem que alimentar seus filhos, e é

(76) Hans Freiherr von Campenhausen, op. cit., pág. 148ss.

homem pobre, e com seu próprio trabalho lhes encheu eiras e lagares. Mas eles nada disso consideram. Por isso, esse seria o momento de citar o profeta e exclamar: "Pasma, céu, e estremece, terra! (Jr 2.12)", quando se contempla até onde chegou em sua fúria a ferocidade da linhagem humana."(77) Crisóstomo não transforma essa sua crítica em crítica a toda a sociedade, ao sistema em que vive. Ele critica e condena moralmente os indivíduos: Esses latifundiários são mais desumanos do que bárbaros; assemelham-se a animais!

Em outra homilia(78) Crisóstomo examina capital e trabalho e pergunta por seu valor para a sociedade. Ele fala, então, de dois Estados. Um é formado de ricos que não trabalham e vivem de sua riqueza. O outro é formado de artesãos. O primeiro não pode subsistir porque não se constroem casas, não se cultiva o campo, não se produz alimentos. O segundo faz progressos porque nele não se necessita de ouro, mas de gente laboriosa! Os "capitalistas", segundo Crisóstomo, não servem para nada: a não ser para destruir a sociedade. Os "capitalistas" só existem porque outros trabalham para eles. O capital põe a sociedade em perigo.

Na 12ª homilia a respeito da 1ª Carta a Timóteo, Crisóstomo chega a negar a legitimidade da riqueza(79). A homilia principia com um diálogo entre o pregador e um rico imaginário. O rico defende a riqueza, baseado no Antigo Testamento. Teria sido a riqueza de Abraão injusta? E a de Jó? Crisóstomo responde que a riqueza deles foi concedida por Deus. Surgiu por crescimento natural; não foi adquirida injustamente. "Dize-me donde vem tua riqueza? De quem? / De meu avô, dizes, e de meu pai. / Podes retroceder em tua família e provar que aquela propriedade foi adquirida corretamente? Não, não podes. O início, a origem tem que ter vindo da injustiça de alguém. Por que? Porque no princípio Deus não fez um rico e o outro pobre. E porque não conduziu um e lhe mostrou muitos tesouros de ouro, enquanto impedia o outro de procurar. Não, ele deu a mesma terra para o proveito de todos. Como ela é propriedade comum, como é possível que tu tenhas tantos e tantos hectares, enquanto que teu vizinho não tem nem sequer uma concha cheia de terra? / Meu pai, dizes, mo legou assim. / E donde ele o tinha? De seus antepassados. Assim tem que continuar retroagindo para encontrar o princípio. Jacó era rico, mas ele o era a partir do salário de seu

(77) Obras de San Juan Crisóstomo. Homilias sobre el Evangelio de San Mateo. Vol. II, em: Biblioteca de Autores Cristianos (Madrid 1956), pág. 275a.

(78) 1 Coríntios. Homilia 34.5, em Migne 61.292a.

(79) Cf. Robert M. Grant. Christen als Bürger im römischen Reich (Göttingen, 1981), pág. 130-132 .

trabalho... E, mesmo que concordemos que teu antepassado não era ladrão, mas tinha ouro que de algum modo brotou da terra. Que há? Isso tornou o ouro bom? / Quando não adquirida com avariza a riqueza não é má, quando é usada para auxiliar o que passa por necessidade. Caso contrário é ruim e má. / Quando um homem não faz nada de mal também não é mau, dizes; mesmo quando nada faz de bom. / Certo. Mas será que isso não é mau: alguém ficar só para si o que é do Senhor, para uso próprio o que é propriedade de todos? Ou será que não é 'do Senhor a terra e o que nela se contém'? Se o que é nossa propriedade pertence a nosso Senhor comum, então pertence a nossos conservos; pois toda a propriedade do Senhor é propriedade comum. Ou não conseguimos ver que nas grandes famílias as coisas estão assim regulamentadas? Uma determinada quantidade de pão é distribuída a todos da mesma maneira, pois vem das provisões do senhor. A casa do senhor está aberta a todos. Do mesmo modo toda a propriedade imperial é propriedade de todos: cidades, praças, arcadas estão à disposição de todos; todos nós temos do mesmo modo parte nelas. Olha, pois, o mundo de Deus! Algumas coisas ele as fez propriedade comum, para envergonhar os homens, qual seja, ar, sol, água, terra, céu, mar, luz e estrelas; tudo isso distribuiu igualmente como entre irmãos. Fez olhos iguais para todos, o mesmo corpo, a alma igual, uma mesma imagem para todos, tudo fez da terra, todos os homens do mesmo homem, todos na mesma casa. Mas nada disso fez-nos criar vergonha. E ele fez outras coisas comum a todos, qual seja, banhos públicos, cidades, praças, arcadas. Vê como não há briga em torno da propriedade comum, mas tudo é pacífico. Mas quando um procura tomar alguma coisa e apropriar-se dela, aí a inveja avança como se a própria natureza estivesse ofendida porque nós, mesmo que Deus nos reúna de todas as partes, nos esforçamos por nos separar e afastar uns dos outros e nos apropriamos de coisas e dizemos meu e teu – essa palavra fria. Daí surge então a briga, daí vem a raiva." Com suas palavras Crisóstomo quer evidenciar que a situação em que se encontra a sociedade vai contra a natureza. Por isso seu esforço para que todos se deixem motivar pela visão de que toda a propriedade é de Deus. Por isso seu constante apelo para que se coloque à disposição do conservo o que é comum a todos por ser propriedade de Deus.

Um último exemplo. Em uma das homilias a respeito dos Ato dos Apóstolos(80) Crisóstomo pregou a respeito da comunhão de bens na comunidade primitiva de Jerusalém. Diz ele que os

(80) Ato dos Apóstolos. Homília 11,3, em: *Nigne* 80,96-98.

primeiros cristãos eliminaram a desigualdade da propriedade ao reunirem seus bens por não verem neles propriedade privada. Todo o necessário para a vida era tirado de uma caixa comum. Essa maneira de repartir os bens é apresentada por Crisóstomo como exemplo para a comunidade de Constantinopla. Se todos os habitantes da cidade reunissem seus bens, certamente poder-se-ia obter um milhão de libras de ouro, que formariam a base da caixa comum. Nesse caso não haveria mais problemas para a alimentação dos 50.000 pobres de Constantinopla. Todos teriam o suficiente para comer e estariam eliminados os problemas sociais. "Dêem-me ouvidos e conseguiremos organizar a coisa corretamente." – "Não transformaríamos a terra em céu?"

Vibramos com as críticas de Crisóstomo, mas olhando suas sugestões temos que considerá-las ingênuas. Elas não observam o jogo dos interesses econômicos nem a realidade que está por trás dos problemas sociais. Por outro lado, suas colocações são a tentativa de concretizar na prática a crença de que toda propriedade é de Deus e tem que ser administrada assim como ele o quer. Sua solução não é realista, assim como não o foram as soluções apresentadas por seus antecessores. Mesmo assim sua solução deve ser vista como a preocupação de um líder eclesial que quer eliminar as discrepâncias existentes em sua sociedade. Seu projeto é o de eliminar a pobreza e não as causas da pobreza e nisso ele é filho da Igreja antiga.

5.

Resta-nos uma pergunta ao final desse estudo. No século 4 a Igreja obteve de fato a oportunidade de dar nova forma à sociedade de seu tempo. Por que não usou essa oportunidade para dar forma a suas concepções de justiça e de responsabilidade? A pergunta é difícil de ser respondida. Fato é que houve homens que procuraram apresentar propostas: Clemente para a comunidade *intra muros*, Basílio, Gregório e Crisóstomo para o "mundo cristão". Suas propostas, no entanto, não foram "oficializadas" pela Igreja de então. Lembro de João Crisóstomo foi deposto! Ele e seus companheiros foram homens solitários. Os demais líderes eclesial da época, os representantes da Igreja, sustentáculo do Estado constantiniano, identificavam-se sempre mais com aquelas camadas que protegiam e defendiam a sociedade estabelecida. Agostinho é o mais conhecido exemplo(81). A maioria dos teólogos via na proprie-

(81) Cf. H. – J. Diesner, *Studien zur Gesellschaftslehre und sozialen Haltung Augustins* (Halle 1954), pág. 13,19,37ss,92ss.

dade dos ricos uma boa dádiva de Deus, nos desníveis sociais vontade de Deus e, por isso, o direito à propriedade privada como algo intocável. Foi por isso que a Igreja ficou com toda uma diaconia de esmola que prometia dádivas celestes aos doadores.

Procurei mostrar que houve propostas alternativas. Elas não vingaram por causa de uma visão de Igreja. Propriedade e riqueza são questões eclesiológicas. Uma Igreja que não consegue resolver internamente questões como propriedade e riqueza não pode apresentar soluções para o mundo.